



## **Como a comunicação e a educação podem andar de mãos dadas<sup>1</sup>**

*Entrevista com Ricardo de Paiva e Souza. Por Flávia Gomes.<sup>2</sup>*

Flávia Gomes – Você acha importante o uso de meios de comunicação na escola?

RICARDO SOUZA – Acho importante a utilização daquilo que a gente chama de comunicação ou das estratégias de comunicação. Obrigatoriamente, não precisam ser os meios de comunicação tradicionais – televisão, jornal, rádio. Se eles entram, isso pode agregar valor ao ensino, mas as estratégias de comunicação, para mim, são mais importantes que os próprios meios.

**FG - Então você acha que essas são as formas de inserir a comunicação na escola?**

RS – Não se pode pensar em transmissão de conhecimento sem comunicação. Escola é o espaço de transmissão de conhecimento, mas hoje em dia ela é tida quase como um castigo e a comunicação, como a arte, o esporte, pode e deve ser pensada como estratégia interessante para você desenvolver metodologias pedagógicas mais atraentes, mais lúdicas e, por conseqüência, uma maior aceitação dos alunos.

**FG – Você acha que isso acontece?**

RS – Claro que não. Infelizmente, a gente tem um modelo de ensino/aprendizagem terrível, que parou no tempo e que faz com que a nossa escola se torne um ambiente extremamente desagradável, no qual a gente vai por pura obrigação e não por prazer e, por conseqüência, a gente aprende muito menos do que aprenderia se fosse buscar algo com vontade e alegria. O modelo de escola brasileiro, que é o que domina o mundo, com raríssimas exceções, é

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente na revista “Vendo a Escola, revendo a Educação”, produzida pela Bem Tv – Educação e Comunicação, em 2006.

<sup>2</sup> Ricardo de Paiva e Souza - sociólogo e coordenador de programa da ONG Save the Children. Flávia Gomes - integrante do grupo “Olho Vivo”, assessorado pela Bem Tv – Educação e Comunicação.



extremamente falho. Nem sei se existe um modelo oficial fora do Brasil que seja diferente. O que você tem são exemplos de algumas escolas que têm práticas diferenciadas.

#### **FG – Quais?**

RS – Existem várias, só na cidade do Rio você tem a Escola Parque, o Ceat [Centro Educacional Anísio Teixeira], tem o São Vicente que, embora seja uma escola de religiosos, tenta inserir práticas mais inovadoras. O que acontece é que eles não conseguem fugir do modelo tradicional de aula, de avaliação, de relação professor/aluno e chegar num modelo legal de horizontalidade, de participação. **Continuamos com aquele modelo tradicional de repasse de conteúdos muito mais do que de incentivo a críticas e à criatividade.** O aluno é visto como um ser inferior, que está ali para ser dirigido e não para ser facilitado nas suas descobertas. Essa história de você mudar o verbo “ensinar” para “aprender conjuntamente”, o verbo “ajudar” para “garantir a participação”, do “ensinar” para “facilitar” já daria um salto fantástico na educação. Há pessoas que brigam por isso e, engraçado, elas às vezes estão na universidade defendendo fortemente isso e, quando se formam professores, reproduzem o velho modelo tradicional de educação. Paulo Freire é estudado em todas as escolas de educação do país, é um brasileiro reconhecido mundialmente e eu lhe pergunto que escola realmente aplica os métodos de Paulo Freire.

FG – Por que, apesar de haver uma formação nesse sentido, na prática isso não acontece?

RS – Existe uma reação muito forte a essas mudanças que seriam uma grande revolução. O MEC [Ministério da Educação] não entende isso e, portanto, dificilmente ele cobra isso das escolas públicas. E, no Brasil, o ensino básico de qualidade é entendido como estando nas escolas privadas e não nas públicas. Você tem grandes escolas públicas, mas são exceções, um Pedro II aqui, um Colégio de Aplicação em Recife e que são tradicionalmente escolas de acesso da classe média. As escolas particulares respondem a uma sociedade que não está atenta para o fato de elas serem um comércio. **A coisa mais fácil do mundo é você ver numa reunião de pais e mestres um pai ou uma mãe levantar o dedo pra dizer que acha que a filha ou o**

**Rua General Osório/49–São Domingos– Niterói – 3604-1500 – [www.bemtv.org.br](http://www.bemtv.org.br)**



**filho está com muita liberdade porque chega em casa com pouco dever, quando, na verdade, devia dar graças a Deus** porque o filho saiu do período de trabalho na escola para chegar em casa e ter um período de diversão, de convivência com os familiares. Quanto mais dura for a escola, melhor os pais vão achar que é. O parâmetro de qualidade do ensino hoje, no nosso país, é o percentual de aprovação no vestibular, o que é um grande equívoco. Diga-se de passagem, a maioria dos que passam no vestibular não sabe porque entrou naquele curso. Eu sou um exemplo disso. Iniciei sete cursos. Se tivesse sido preparado para a universidade, teria terminado meu primeiro curso, porque ele me serviria, como o curso de sociologia está servindo hoje. Entrei na faculdade em 80 e coleei grau em abril de 97. Terminei o curso e emendei num mestrado. Esse sim me deu uma visão, uma qualificação para o meu trabalho. Mas quantos têm acesso a um mestrado? Muito poucos.

FG – A cobrança é muito mais na classe média.

RS – A escola, na verdade, embora esteja totalmente dirigida para o vestibular, não está dirigida para preparar para a universidade. A maioria das pessoas que entram numa universidade não sabe o que vai encontrar pela frente. Enfim, o grande problema está muito na pressão que a sociedade coloca nesse modelo escolar que a gente tem. E aí o ensino público, que poderia ser o que fizesse essa revolução, é um ensino totalmente relegado ao décimo quinto plano. Os nossos dirigentes não entendem isso como sendo a grande base para qualquer mudança estrutural, política, ideológica.

**FG – Nos outros países que você tem contato é diferente?**

RS – Na maioria dos países não, mas pelo menos há um investimento forte no ensino público, com uma qualidade relativamente boa. Se você chega nos países ditos desenvolvidos vai ver que nem sempre a universidade, mas o ensino médio é de acesso gratuito para todas as camadas. Até nos Estados Unidos, que não são exemplo de educação para canto nenhum. Por consequência, todos vão ter acesso à Universidade ou a um ensino técnico com uma certa qualidade. Quando você vai para a Europa essa situação melhora um pouco. Aquele que quiser

**Rua General Osório/49–São Domingos– Niterói – 3604-1500 – [www.bemtv.org.br](http://www.bemtv.org.br)**



terá acesso a boas universidades, a partir de um ensino público. Na Inglaterra, você tem escolas de internato para onde você vai e fica a semana inteira ou o ano inteiro. A família quase que delega para a escola toda a obrigação com a educação dos filhos. Normalmente são ensinamentos autoritários e conservadores, mas pelo menos eles têm uma qualidade que vai lhe preparar para uma universidade.

**FG: E nos países da América Latina?**

**RS:** Na Argentina, por exemplo, você consegue ter a educação do seu filho, com qualidade, toda em escolas públicas, e se você for ver o número de analfabetos, o IDH saiu agora, se eu não me engano a Argentina está em 34º, nós somos 73º.

FG: E comparando o sistema público de ensino com o particular, existe alguma diferença significativa da forma de usar a comunicação?

**RS:** De uma maneira geral o ensino particular lhe garante maior acesso ao conhecimento, aquilo que o MEC entende como padrão de ensino/aprendizagem. Garante uma menor dificuldade de ingresso aos cursos de nível superior, e mais ainda, aos cursos das escolas públicas de ensino superior, que, ao contrário do ensino fundamental e do ensino médio, têm mais qualidade. Agora, ainda é na rede pública que você consegue encontrar projetos inovadores. No Rio de Janeiro você tem projetos do uso de vídeo em sala de aula na rede pública que você não vai encontrar na rede privada. Infelizmente, isso não se reflete na rede de ensino como um todo, não se espalha para as disciplinas verticais, é transversal.

**FG: O que você acha desse novo termo “educomunicação”?**

**RS:** A maior parte das pessoas que trabalha com comunicação e educação não gosta disso, acha que é na verdade uma invenção da academia para justificar uma nova área de estudo. Particularmente, não gosto muito dessas especializações, para mim qualquer um pode trabalhar com educação e comunicação. O importante é que quando você fala de educação e de comunicação você está falando da área social e então você tem que ter um leque de



conhecimento extremamente abrangente. Não se faz projeto social sem um conhecimento legal de Economia, História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia, Comunicação e, dependendo para onde você vá, de Administração. Esse conhecimento multidisciplinar, para mim, é muito mais agradável do que você estar criando novas disciplinas e quando você cria a disciplina “educomunicação” é porque está querendo garantir reserva de mercado para esses profissionais.

**FG: Você que trabalha com movimento social acha que ele tem influenciado na política pública? Na mudança?**

RS: Alguma influência, sim, mas mudança ainda é cedo para a gente dizer. Acho que, por exemplo, a criação no Brasil de uma Secretária Especial de Direitos Humanos já foi uma influência dos movimentos sociais. O resultado disso, os impactos, as mudanças, é que a gente ainda está por vir. Outro exemplo é o referendo do desarmamento.

**FG: E em relação à escola, à qualidade de ensino?**

RS: **O movimento social comete erros. Enquanto a gente não estiver dentro das escolas tentando fazer as mudanças dentro dela, enquanto estivermos trabalhando paralelamente, vai ser muito difícil criar impactos nessa escola.** Isso é uma coisa que não se entendia muito bem há algum tempo, mas que hoje em dia a gente vê que é a função da ONG.